

## Uma construção pensada

Nuno Júdice

*Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Universidade Nova de Lisboa*

### **Resumo**

Na sua prosa de carácter filosófico, Vergílio Ferreira parte de circunstâncias do quotidiano para encontrar formas de pensar o mundo é a literatura. Um passeio à beira-mar serve-lhe de ponto de partida para analisar o visível e o invisível, dando ao escritor a função de transmitir o sentido profundo das coisas.

### **Abstract**

In his philosophically oriented prose, Vergílio Ferreira looks for ways to think about the world and literature from daily occurrences. A walk by the sea serves as a starting point for analyzing the visible and the invisible, thereby giving the writer the function of conveying the deep meaning of things.

**Palavras-chave:** Vergílio Ferreira, Literatura, Realidade

**Key Words:** Vergílio Ferreira, Literature, Reality

Talvez uma das mais pertinentes definições de literatura tenha sido a que deu Ezra Pound: «Literatura é linguagem carregada de sentido.» Trata-se de uma indicação perfeita daquilo que existe num texto literário: esse “mais” ou esse “pleno” que se acrescenta ao texto, e que leva o leitor a procurar descobrir essa “carga” sem nunca conseguir esvaziar o mais que é o sentido do texto. É óbvio que todo texto tem um sentido; e que esse sentido é o que faz precisamente o que o texto é: uma transmissão dessa mensagem que resulta do desejo de comunicar uma ideia, um sentimento, um facto, etc., de um emissor a um receptor. Mas no texto literário não nos limitamos a isso. A comunicação é também uma forma de expressão própria do emissor, em que este (o autor) pretende deixar a sua marca individual. E é nesta expressão que o texto literário encontra a sua diferença em relação a outros textos, dado que ele é dito de um modo único e irrepitível, ao contrário de um texto não literário que pode ser reduzido, resumido, parafraseado, sem que tal altere o que nele é essencial, que é a “mensagem”. É também por isso que, no texto literário, essa “mensagem” é parte secundária do essencial do texto. Dizer que o poema trata a dor do poeta pela separação da amada, da terra natal, da infância, etc., não nos esclarece em nada sobre esse texto, embora o tema esteja nestas indicações. É fundamental lermos o texto para o podermos receber e entender a sua especificidade literária, que vem não desses temas – mil vezes tratados e glosados – mas do modo, da forma, como cada autor os trabalha na sua forma expressiva, linguística, que só ele pode dominar e expor literariamente.

É o que sucede no texto 159 de *Pensar* de Vergílio Ferreira<sup>1</sup>, que começa: «Hoje fui ver o mar. Na realidade não ia vê-lo mas aproveitei. E à primeira impressão eu via-o mas não o via, porque via dele apenas a realidade imediata em ondas e espuma.»

A primeira frase é denotativa, clara, imediata: «Hoje fui ver o mar.» Tempo e espaço, e tempo apresentado em duas dimensões, ampla (hoje) e restritiva (fui), em que a acção de ver o mar já não se situa no tempo da escrita mas num passado próximo (há umas horas) dado pelo tempo pretérito do verbo. O que Vergílio Ferreira vai acrescentar a este *incipit* que poderia perfeitamente esgotar-se, sendo uma frase banal de uma conversa que se esgotaria na sua enunciação, é um desenvolvimento que abre em várias direcções semânticas o acto de ir ver o mar:

1. *na realidade não ia vê-lo* – contradição com o acto realizado de o ver;

---

<sup>1</sup> Vergílio Ferreira, Lisboa, Bertrand editora, 1992, pp.127-128.

2. *mas aproveitei* – indicação de que havia outras coisas para fazer, sendo o ver o mar um acrescento a essas outras acções que, no entanto, se tornaram secundárias perante a realidade do mar, o que faz com que ele não as enuncie, pondo todo o centro em ver o mar;

3. *e à primeira impressão eu via-o* – segunda afirmação que reforça o acto inicial de ver o mar, constituindo o que se poderia chamar uma redundância, mas acrescentada do lado subjectivo introduzido por «primeira impressão»;

4. *mas não o via* – nova contradição, em paralelo com a primeira parte (na realidade não ia vê-lo), jogando-se aqui uma construção simétrica positivo-negativo

|            |     |               |
|------------|-----|---------------|
| +          |     | -             |
| fui ver    | vs. | Não ia ver    |
| aproveitei |     | não ia vê-lo  |
| via-o      |     | mas não o via |

5. *porque via dele apenas a realidade imediata em ondas e espuma* – conclusão em que se explica porque é que, vendo-o, não o vê – dando a restrição do mar, na sua totalidade, às partes ondas e espuma, que são destacadas do objecto principal e funcionam como sujeitos próprios, que ocultam essa totalidade.

Temos aqui, então, um resultado que decorre de uma construção lógica, que procura a sua explicação no assumir do todo pela parte – em que as sinédoques ondas e espuma ganham uma dimensão própria, que afasta o mar da sua definição. Vergílio Ferreira parte daqui para uma reflexão filosófica sobre a superfície e o fundo, em que a presença desses elementos superficiais, imediatos (ondas e espuma) ocultam essa totalidade profunda que é o horizonte marítimo. E conclui falando da revelação e da escrita de um modo que abre caminho para múltiplas reflexões.

É assim, então, que podemos encontrar o modo como a literatura funciona, através de um exemplo prático de sucessivas aberturas para novas visões do que é imediato e aparentemente simples – ver o mar. E a diferença entre o que é uma contemplação circunstancial e o que é literário está no que é dito a seguir:

Foi preciso que depois deixasse vir ao de cima o que oculto se me queria revelar. Abandonei-me a ele e deixei. Mas o que então se me revelou foi uma nebulosa confusa de emoções, memórias, associações indistintas, qualquer coisa que se anuncia como numa casa desabitada. O indizível.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Vergílio Ferreira, Lisboa, Bertrand editora, 1992, pp.127-128.

Esta imagem do oculto como um conjunto de «associações indistintas», como algo que não tem uma expressão imediata na linguagem, e que pertence ao mundo dessa nebulosa a que a psicanálise chamou *inconsciente*, representa o desafio que se coloca ao escritor, descrito como: «Um homem ocasional, eu, olhava o seu mistério inquietante, tentava entender a estranheza de tudo isto».<sup>3</sup>

Talvez o centro de todo este longo parágrafo de *Pensar* resida nesse Eu, afirmado de forma categórica como o sujeito que absorve e procura entender o que vem ao seu encontro sob a primeira impressão de uma imagem do mar. Se quiséssemos localizar, na vasta obra de Vergílio Ferreira, uma poética no sentido aristotélico da palavra, ou seja, a definição do que é literário e do processo, ou processos, de o atingir, teremos aqui todo o necessário para esse efeito. No primeiro momento, o contacto com uma realidade que não é visível, mas que é inseparável da realidade que o olhar capta: «ela não existia senão no que estava vendo».<sup>4</sup> Portanto, «ver o mar» é algo que remete para um outro olhar que vai mais fundo do que a primeira imagem e atinge esse plano não visível para quem não capta tudo o que a imagem captável esconde; e o que o escritor tem de procurar é dar forma a esse «indizível»: «Eu podia enumerar todos os elementos do que presenciava, mas havia outra realidade que ficava intacta à minha enumeração. Essa, essa – dizê-la. Não é aí precisamente que começa o *escrever bem?*»<sup>5</sup>

Entramos aqui na realidade que importa: a da escrita; e não se trata apenas de escrever, mas de *escrever bem*. Vergílio Ferreira volta a pôr o acento no Eu, dado que esse *bem* – o advérbio de modo da antiga gramática – corresponde ao que se pode considerar ser o investimento do sujeito na linguagem, ou seja, aquilo a que se dá (ou dava) o nome de estilo.

Nesta sequência de pensamentos, que vai ganhando uma lógica que nasce da própria sequência do *Pensar*, vemos como tudo se encaminha para essa conclusão que nasce da própria imprevisibilidade do quotidiano. É, de certo modo, uma analogia com o que sucede na ficção, em que a determinação do acontecer decorre não da realidade suposta existir no que é contado mas do modo como a escrita impõe uma outra lógica, em que a interrogação acerca do “outro mundo” que “ela constrói” corresponde a um mistério que o homem tem de interrogar, referindo Vergílio Ferreira o “homem” na sua dimensão criadora, enquanto artista que é mediador da humanidade na sua condição reflexiva ou, se quisermos, filosófica:

---

<sup>3</sup> Vergílio Ferreira, Lisboa, Bertrand editora, 1992, pp.127-128.

<sup>4</sup> Idem

<sup>5</sup> Idem.

Há no homem o insondável da sua interrogação. Mas só o artista a conhece e a pode revelar aos outros para ela ser desses outros e a verdade do ser se lhes iluminar. Escrever bem. Ser sensível ao que se quer revelar e ser só a sua revelação. E o mundo existir, porque ele o revelou. E é tudo.<sup>6</sup>

Será a conclusão iluminante deste longo parágrafo: o mundo só existe na palavra de quem tem o instrumento para o revelar, que é o escritor; e a função dele, para usar uma expressão consagrada nas preocupações dos defensores da “função social” da arte, é bem outra, e bem mais profunda: revelar o mundo.

**Nuno Júdice** nasceu na Mexilhoeira Grande, Algarve, em 1949. Formou-se em Filologia Românica pela Universidade Clássica de Lisboa. É professor associado da Universidade Nova de Lisboa, onde se doutorou em 1989 com uma tese sobre Literatura Medieval, tendo passado à reforma em 2014. Entre 1997 e 2004 desempenhou as funções de Conselheiro Cultural e Director do Instituto Camões em Paris. Tem publicado estudos sobre teoria da literatura e literatura portuguesa. Publicou o primeiro livro de poesia em 1972. Recebeu os mais importantes prémios de poesia portugueses e o prémio de poesia ibero-americana Reina Sofia, em 2013. Dirigiu até 1999 a revista *Tabacaria* da Casa Fernando Pessoa. Em 2009 assumiu a direcção da revista *Colóquio-Letras* da Fundação Calouste Gulbenkian.

**Nuno Júdice** was born in Mexilhoeira Grande, Algarve, in 1949. He majored in Romanic Philology at the Faculty of Letters of the University of Lisbon. He is Associate Professor at the Faculty of Social and Human Sciences of the New University of Lisbon, where he got his PhD in 1989 with a thesis on Medieval Literature, and has been retired since 2014. Between 1997 and 2004 he worked as Cultural Adviser and Director of the Camões Institute in Paris. He has been publishing studies on theory of literature and Portuguese literature consistently. He published his first book of poetry in 1972. Nuno Júdice received the most important Portuguese poetry awards and the Ibero-American Reina Sofia award, in 2013. He directed the periodical *Tabacaria* from Casa Fernando Pessoa until 1999. In 2009, he took over as director of the periodical *Colóquio-Letras* from Calouste Gulbenkian Foundation.

---

<sup>6</sup> Idem.

